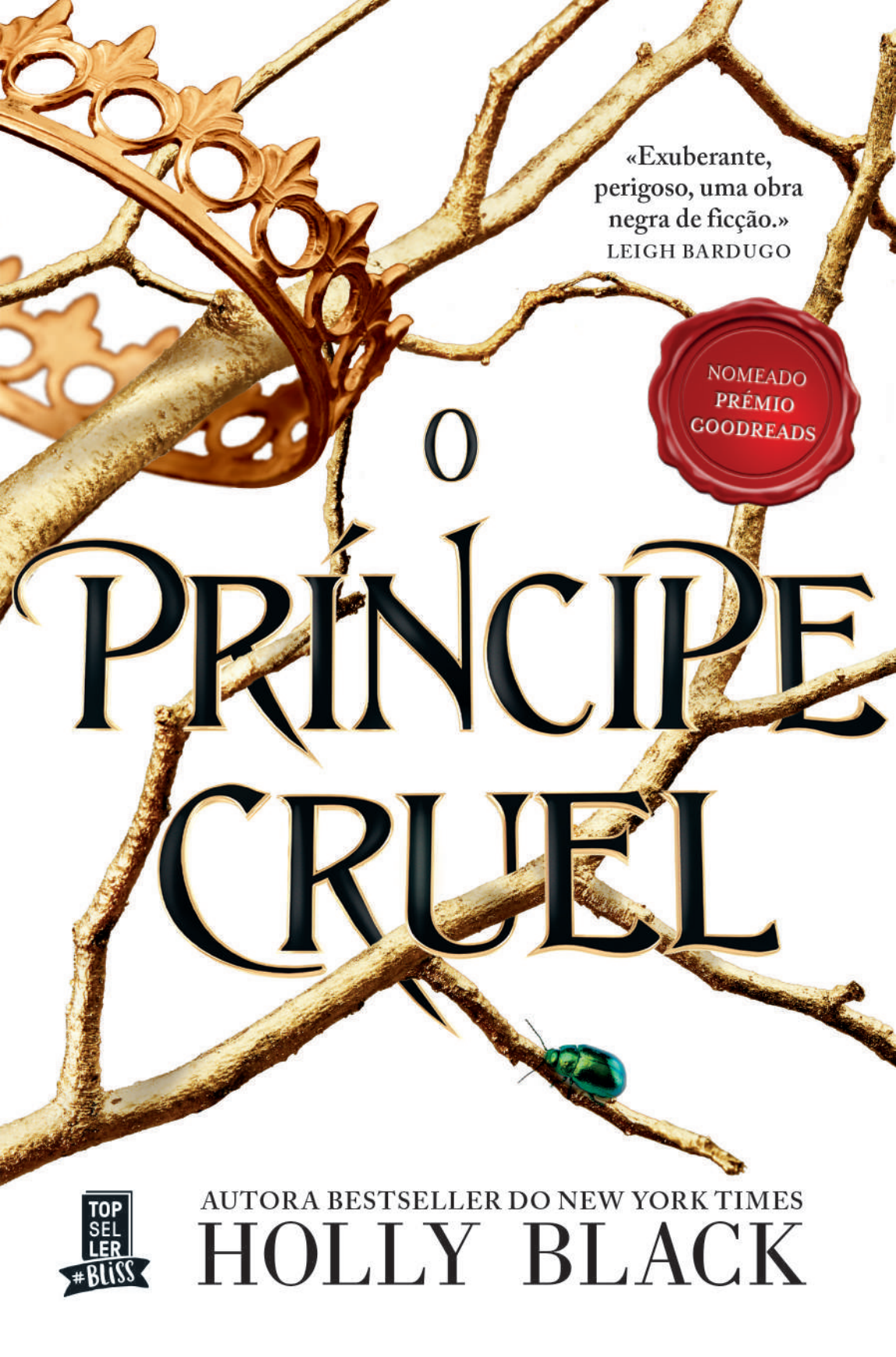




«Exuberante,
perigoso, uma obra
negra de ficção.»
LEIGH BARDUGO

NOMEADO
PRÊMIO
GOODREADS

O

PRÍNCIPE CRUEL

TOP
SELER
#Bliss

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
HOLLY BLACK

*Para Cassandra Clare,
que foi finalmente atraída até à Terra das Fadas*



Floresta Torta

Palácio
de
Elfhame

Bosque
Lácteo

INSMIRE

Lago
das
Máscaras

Fortaleza
de
Madoc

Mapa das Ilhas Inconstantes de

ELFHAME

Mansão de Locke

INSMOOR

Torre

do
Esquecimento

INSWEAL

Solar Oco



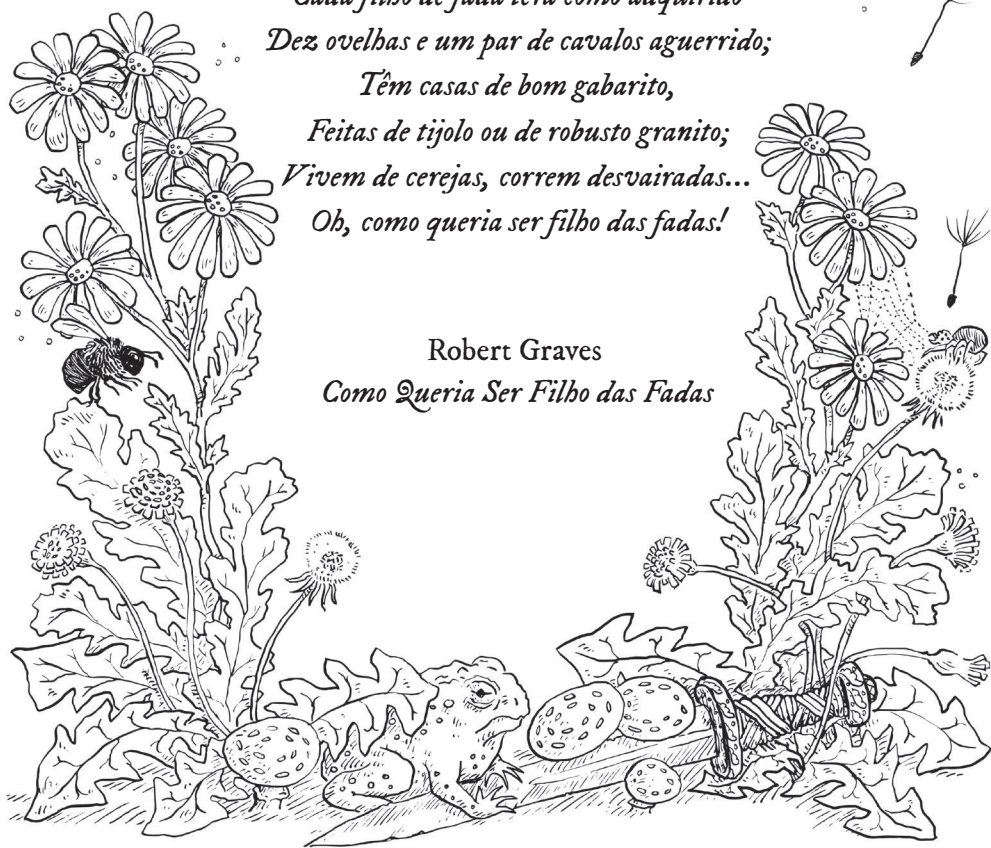


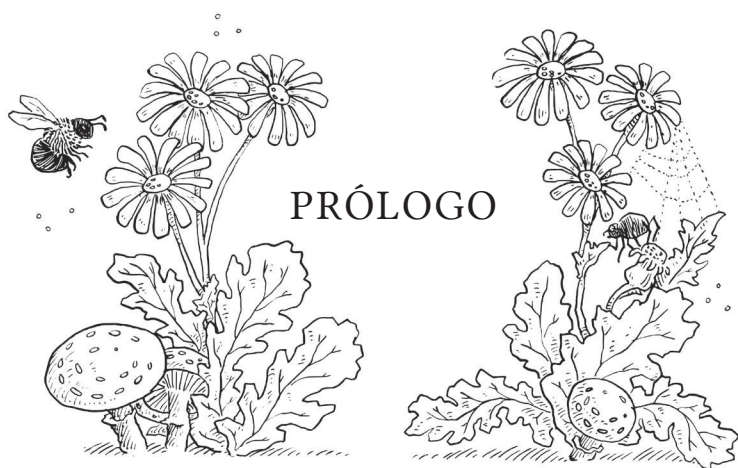
Liuro Um

*Crianças nascidas com sangue de fada
Nunca precisam de camisa nem nada,
Nunca lhes falta o que comer,
Têm sempre o que lhes apeteecer:
Bolsos de ouro a abarrotar,
e aos sete anos estão a casar.*

*Cada filho de fada terá como adquirido
Dez ovelhas e um par de cavalos aguerrido;
Têm casas de bom gabarito,
Feitas de tijolo ou de robusto granito;
Vivem de cerejas, correm desvairadas...
Oh, como queria ser filho das fadas!*

Robert Graves
Como Queria Ser Filho das Fadas





Numa sonolenta tarde de domingo, um homem com um longo sobretudo escuro hesitou diante de uma casa, numa rua ladeada de árvores. Não tinha carro estacionado, nem tinha vindo de táxi. Nenhum vizinho o viu caminhar pelo passeio. Limitou-se a aparecer, como se passasse entre uma sombra e a seguinte.

O homem aproximou-se da entrada e ergueu o punho para bater à porta.

Dentro da casa, Jude estava sentada no tapete da sala a comer douradinhos moles, aquecidos no micro-ondas, e arrastados por uma poça de ketchup. A sua irmã gémea, Taryn, dormitava no sofá, encolhida debaixo de um cobertor, de polegar enfiado na boca manchada de ponche de fruta. Na outra ponta do sofá, a irmã mais velha, Vivienne, olhava fixamente para o televisor, os olhos assustadores, de pupilas alongadas, fixos no desenho animado em que o rato fugia do gato. Riu-se quando parecia que o rato estava prestes a ser comido.

Vivi era diferente das outras irmãs mais velhas, mas como Jude e Taryn, de 7 anos, eram idênticas, com o mesmo cabelo

castanho despenteado e as mesmas caras em forma de coração, também elas eram diferentes. Os olhos de Vivi e as pontas das orelhas ligeiramente peludas eram, para Jude, tão normais como ser o reflexo de outra pessoa no espelho.

E se, por vezes, reparava na forma como os miúdos da vizinhança evitavam Vivi, ou como os seus pais falavam sobre ela em voz baixa, Jude não considerava que fosse importante. Os adultos andavam sempre preocupados, sempre a sussurrar.

Taryn bocejou e espreguiçou-se, pressionando a bochecha contra o joelho de Vivi.

Lá fora, o sol brilhava, aquecendo o asfalto da entrada. Motores de corta-relva zumbiam e crianças chapinhavam em piscinas nas traseiras das casas. O pai estava no anexo, onde tinha uma forja. A mãe estava na cozinha a fazer hambúrgueres. Tudo era aborrecido. Tudo estava bem.

Quando ouviram bater, Jude saltou para abrir a porta. Tinha esperança de que fosse uma das raparigas do outro lado da rua, a convidá-la para jogar videojogos ou para um mergulho depois de jantar.

O homem alto estava na entrada, a olhar para ela com cara de poucos amigos. Vestia um sobretudo de couro castanho, apesar do calor. Os seus sapatos tinham biqueira de prata e produziram um som oco quando entrou. Jude ergueu o olhar para a sua cara sombria e estremeceu.

— Mãe — gritou. — Mãeeeeeeeeeeeeee, está aqui alguém.

A sua mãe veio da cozinha, limpando as mãos molhadas às calças de ganga. Quando viu o homem, empalideceu.

— Vai para o teu quarto — disse ela a Jude, com uma voz assustadora. — *Já!*

— De quem é esta criança? — perguntou o homem, apontando para Jude. A sua voz tinha um sotaque peculiar. — Tua filha? Dele?

— De ninguém. — A mãe nem sequer olhou para Jude. — Não é filha de ninguém.

Aquilo não estava certo. Jude e Taryn eram iguaizinhas ao seu pai. Todos diziam o mesmo. Deu alguns passos em direção às escadas, mas não queria ficar sozinha no seu quarto. *Vivi*, pensou Jude. *A Vivi saberá quem é o homem alto. A Vivi saberá o que fazer.*

Mas Jude parecia não conseguir forçar-se a mover os pés.

— Vi muitas coisas impossíveis — disse o homem. — Vi o ovo antes da galinha. Vi o fumo antes do fogo. Mas nunca vi nada assim: uma mulher morta que vive. Uma criança nascida do nada.

A mãe pareceu não saber o que dizer. O seu corpo vibrava com tensão. Jude quis pegar-lhe na mão e apertá-la, mas não se atreveu.

— Duvidei de Balekin quando ele me disse que te encontraria aqui — disse o homem, com uma voz mais meiga. — Os ossos de uma mulher terrena e da sua criança por nascer, nos escombros queimados da minha propriedade, eram convincentes. Sabes como foi regressar da batalha e encontrar a minha mulher morta, juntamente com a minha única herdeira? Encontrar a minha vida reduzida a cinzas?

A mãe abanou a cabeça, não em resposta, mas como se tentasse libertar-se das palavras.

O homem deu um passo na sua direção e ela recuou um passo. Havia algo errado na perna dele. Movia-se com rigidez, como se lhe provocasse dor. A luz era diferente na entrada e Jude conseguia ver a estranha tonalidade verde da sua pele, e a forma como os dentes inferiores pareciam demasiado grandes para a sua boca.

Viu que os olhos dele eram iguais aos de *Vivi*.

— Nunca seria feliz contigo — disse-lhe a mãe. — O teu mundo não é para gente como eu.

O homem alto olhou-a durante um longo momento.

— Proferiste votos — disse, por fim.

A mãe ergueu o queixo.

— E depois renunciei-os.

O olhar dele virou-se para Jude e a sua expressão endureceu.

— Que vale uma promessa de uma esposa mortal? Devo ter encontrado a minha resposta.

A mãe virou-se. Percebendo o seu olhar, Jude correu para a sala.

Taryn ainda dormia. A televisão continuava ligada. Vivienne ergueu os seus olhos de gato semicerrados.

— Quem é? — perguntou. — Ouvi discutir.

— Um homem assustador — disse-lhe Jude sem fôlego, apesar de mal ter corrido. O seu coração estava acelerado. — Devíamos ir para cima.

Não importava que a sua mãe lhe tivesse ordenado só *a ela* para subir. Não iria sozinha. Com um suspiro, Vivi levantou-se do sofá e abanou Taryn para a acordar. Sonolenta, a gémea de Jude seguiu as duas irmãs para o corredor.

Enquanto se dirigiam para os degraus atapetados, Jude viu o seu pai entrar, vindo do jardim das traseiras. Trazia um machado na mão, forjado como réplica quase perfeita do modelo que tinha estudado num museu na Islândia. Não era estranho ver o pai com um machado. Ele e os seus amigos gostavam de armas antigas e passavam muito tempo a falar sobre «cultura material» e a esboçar ideias para lâminas fantásticas. Estranha era a forma como segurava a arma, como se quisesse...

O seu pai moveu o machado na direção do homem.

Nunca tinha erguido uma única mão para disciplinar Jude ou as suas irmãs, mesmo quando se metiam em grandes sarilhos. Não fazia mal a ninguém. Não conseguia.

E, no entanto. No entanto...

O machado passou pelo homem alto, cravando-se no batente de madeira da porta.

Taryn produziu um uivo estranho e agudo, cobrindo a boca com as mãos.

O homem puxou por uma lâmina curva escondida no sobretudo de couro. Uma *espada*, como as dos livros de histórias. O pai tentava libertar o machado da porta, quando o homem lhe cravou

a espada no estômago, empurrando-a para cima. Ouviu-se um som, como paus a estalarem, e um grito animalesco. O pai caiu sobre a carpete da entrada, aquela que fazia sempre a mãe gritar quando a pisavam com os pés cheios de lama.

A carpete que estava a ficar vermelha.

A mãe gritou. Jude gritou. Taryn e Vivi gritaram. Todos pareciam gritar, exceto o homem alto.

— Vem cá — disse ele, olhando diretamente para Vivi.

— S-seu monstro — gritou a mãe delas, dirigindo-se para a cozinha. — Ele está morto!

— Não fijas de mim — disse-lhe o homem. — Não depois do que fizeste. Se voltares a fugir, juro que...

Mas a mãe fugiu. Estava quase a dobrar a esquina, quando a lâmina dele a atingiu nas costas. Caiu sobre o linóleo e os seus braços em queda derrubaram os ímanes do frigorífico.

O cheiro a sangue fresco era intenso, fazendo lembrar metal molhado e quente. Como aqueles esfregões de arame que a mãe usava para limpar os restos queimados da frigideira.

Jude correu para o homem, golpeando-lhe o peito com os punhos e pontapeando-lhe as pernas. Nem sequer tinha medo. Nem sequer sabia ao certo se sentia alguma coisa.

O homem não lhe deu qualquer importância. Por um longo momento, deixou-se ficar onde estava, como se lhe custasse acreditar no que tinha feito. Como se desejasse poder anular os últimos cinco minutos. A seguir, pousou um joelho no chão e segurou Jude pelos ombros. Segurou-lhe os braços contra o tronco, para que ela não conseguisse voltar a bater-lhe, mas nem sequer a olhava.

Os seus olhos fixavam-se em Vivienne.

— Foste-me roubada — disse-lhe. — Vim levar-te para o teu verdadeiro lar, em Elfhame, sob a colina. Aí, terás riqueza incalculável. Aí, estarás com os teus.

— Não — disse-lhe Vivi, com a sua voz baixa e sombria. — Não vou a lado nenhum contigo.

— Sou o teu pai — disse-lhe ele, com uma voz severa que subia de tom como o som de uma chicotada. — És a minha herdeira e sangue do meu sangue. Obedecer-me-ás nisto e em tudo o resto.

Ela não se moveu, mas a determinação foi visível no seu maxilar.

— Não és o pai dela — gritou Jude ao homem. Mesmo que tivessem os dois os mesmos olhos, recusava-se a acreditar.

As mãos dele apertaram-lhe os ombros com mais força, o que a fez libertar um pequeno guincho comprimido, mas sem quebrar a intensidade desafiadora do seu olhar. Tinha vencido vários duelos do jogo do sério.

Foi ele o primeiro a afastar os olhos, virando-se para Taryn, que estava de joelhos a chorar e a sacudir a mãe, como se tentasse acordá-la. A mãe não se mexeu. A mãe e o pai estavam mortos. Não voltariam a mover-se.

— Odeio-te — proclamou Vivi ao homem alto, com uma ferocidade que agradou a Jude. — Sempre te odiarei. Juro-o.

A expressão fria do homem não se alterou.

— Mesmo assim, virás comigo. Prepara estas pequenas humanas. Pouca bagagem. Partimos antes do anoitecer.

Vivienne ergueu o queixo.

— Deixa-as em paz. Se tiver de ser, leva-me a mim. Mas não a elas.

O homem olhou fixamente para Vivi e fungou.

— Protegerias as tuas irmãs de mim, não? Diz-me. Para onde desejas que vão?

Vivi não respondeu. Não tinham avós nem parentes vivos. Pelo menos, que soubessem.

O homem voltou a olhar para Jude, soltou-lhe os ombros e levantou-se.

— São a prole da minha mulher e, como tal, minha responsabilidade. Posso ser cruel, um monstro e um assassino, mas não me esquivo às minhas responsabilidades. Como tu não deverás esquivar-te às tuas, enquanto mais velha.

Anos depois, quando Jude contou a si mesma o que tinha acontecido, não conseguia recordar o momento em que fizeram as malas. O choque parecia ter apagado por inteiro essa hora. Mas, de alguma forma, Vivi acabara por encontrar as malas e enche-las com os seus livros ilustrados preferidos e os brinquedos de que mais gostavam, juntamente com fotografias, pijamas, casacos e camisas.

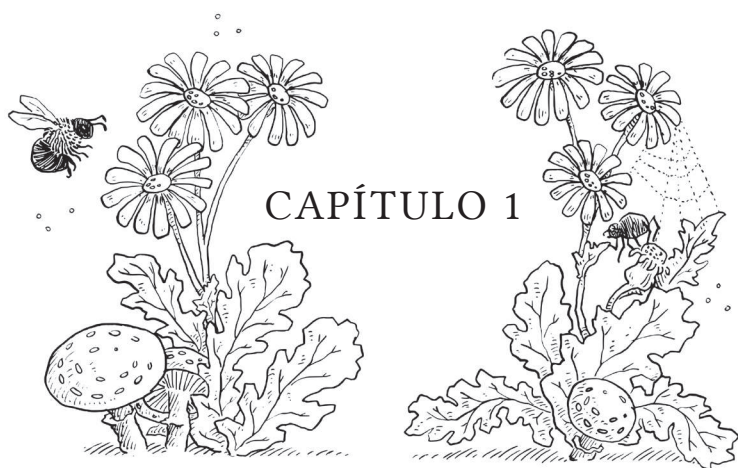
Ou talvez Jude tivesse feito a sua própria mala. Nunca percebeu ao certo.

Não conseguia imaginar como o tinham conseguido, com os cadáveres dos seus pais a arrefecerem no andar de baixo. Não conseguia imaginar o que tinha sentido e, com o passar dos anos, não conseguiu forçar-se a voltar a senti-lo. O horror dos homicídios esbateu-se com o tempo. As suas memórias daquele dia tornaram-se confusas.

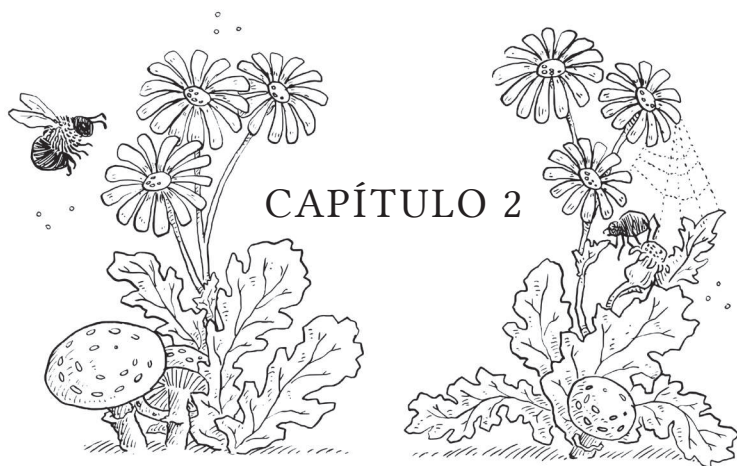
Um cavalo negro mordiscava a relva quando saíram. Os seus olhos eram grandes e meigos. Jude quis abraçar-lhe o pescoço e encostar a cara húmida contra a sua crina sedosa. Antes de poder fazê-lo, o homem alto sentou-as, a ela e a Taryn, sobre a sela, tratando-as mais como bagagem do que como crianças. Sentou Vivi atrás de si.

— Segurem-se — disse.

Jude e as suas irmãs choraram todo o caminho até à Terra das Fadas.



Na Terra das Fadas, não há douradinhos, ketchup ou televisão.



Sento-me numa almofada enquanto uma diabrete me entrança o cabelo para mo afastar da cara. Os seus dedos são compridos e as unhas afiadas. Estremeço. Os seus olhos negros encontram os meus no reflexo do espelho com pés que está sobre o meu toucador.

— Faltam ainda quatro noites para o torneio — diz a criatura. Chama-se Tatterfell e é serva da casa de Madoc, ali presa até saldar com o seu trabalho a dívida que tem para com ele. Cuidou de mim desde pequena. Foi Tatterfell quem besuntou os meus olhos com unguento ardente de fada para me conceder Visão Verdadeira, e assim conseguir ver além da maioria das ilusões, quem me limpou a lama das botas e quem enfiou bagas de sorveira secas num fio para usar ao pescoço, e conseguir resistir aos encantamentos. Limpou-me o nariz ranhoso e lembrou-me de usar as meias do avesso para nunca me perder na floresta. — Por mais que queiras, não conseguirás fazer a lua levantar-se e pôr-se mais depressa. Tenta honrar com glória a casa do general, esta noite, apresentando-te tão vistosa quanto conseguirmos tornar-te.

Suspiro.

Nunca teve grande paciência com a minha teimosia.

— É uma honra dançar com a Corte do Rei Altíssimo debaixo da colina.

Os servos apreciam demasiado recordar-me a sorte que tenho, a filha bastarda de uma esposa infiel, uma humana sem qualquer gota de sangue de fada, a ser tratada como uma filha legítima de Faerie. Dizem a mesma coisa a Taryn.

Sei que é uma honra ser criada juntamente com os filhos da nobreza. Uma honra aterradora de que nunca conseguirei ser digna.

É impossível esquecê-lo com todas as vezes que mo recordam.

— Sim — digo, no entanto, por ela estar a tentar ser bondosa.

— É ótimo.

As fadas não conseguem mentir. Por isso, tendem a concentrar-se nas palavras e a ignorar o tom, especialmente se não tiverem vivido entre os humanos. Tatterfell acena-me com a cabeça em aprovação. Os seus olhos são duas pedras gémeas de azeviche, não se vendo pupila ou íris.

— Talvez alguém peça a tua mão e passes a ser membro permanente da Altíssima Corte.

— Prefiro conquistar o meu lugar — digo-lhe.

A diabrete hesita e prende um gancho de cabelo entre os dedos, provavelmente pensando em espetar-me com ele.

— Não sejas tola.

É inútil discutir. É inútil recordar-lhe o desastroso casamento da minha mãe. Há duas formas de os mortais se tornarem membros permanentes da Corte: pelo casamento ou aperfeiçoando algum grande talento — em metalurgia, no alaúde ou algo assim. Sem interesse pela primeira, restava-me esperar ter talento suficiente para a segunda.

Ela acaba de me entrançar o cabelo num estilo elaborado que me faz parecer ter cornos. Veste-me um veludo cor de safira. Nada disso disfarça o que sou: humana.

— Dei três nós para dar sorte — diz a pequena fada com alguma benevolência.

Suspiro enquanto a vejo dirigir-se para a porta, e levanto-me do toucador para me deitar de bruços na minha cama coberta por uma tapeçaria. Estou habituada a ter criadas a servirem-me. Diabretes e gnomos, duendes e silfos. Asas translúcidas e unhas verdes, chifres e dentes afiados. Estou há dez anos em Faerie. Já nada daquilo me parece estranho. Ali, sou eu a estranha, com os meus dedos rombos, orelhas redondas e vida efêmera.

Dez anos é muito tempo para um humano.

Depois de Madoc nos ter raptado, trouxe-nos para a sua propriedade em Insmire, a Ilha do Poder, onde o Rei Altíssimo de Elfhame tem a sua fortaleza. Foi aí que Madoc nos criou — a mim, a Vivienne e a Taryn —, obrigado pela honra. Mesmo que Taryn e eu sejamos prova da traição da mãe, os costumes de Faerie ditam que, como filhos da sua mulher, somos problema seu.

Como general do Rei Altíssimo, Madoc ausentava-se durante muito tempo, combatendo pela coroa. Mesmo assim, cuidavam bem de nós. Dormíamos em colchões recheados com flores macias de dente-de-leão. Era Madoc quem nos instruía na arte do combate com alfange e adaga, com bracamarte e com os punhos. Jogava Morris de Nove, Fidchell e Raposa e Ganso connosco, diante da fogueira. Deixava que nos sentássemos no seu joelho e comêssemos do seu prato.

Em muitas noites, eu adormecia com o som da sua voz durante a leitura de um livro de estratégia militar. E, contra a minha vontade, apesar do que ele tinha feito e do que era, aprendi a amá-lo. E amo-o.

Mas não é um tipo de amor confortável.

— Belas tranças — diz Taryn, entrando apressadamente no meu quarto. Está vestida de veludo carmesim. Tem o cabelo solto e os longos caracóis castanhos voam atrás dela como um toucado, com algumas madeixas entrancadas com fio de prata reluzente. Salta para a cama a meu lado, desarrumando a minha pequena

pilha de animais de peluche gastos — um coala, uma cobra, um gato preto —, todos amados pela criança de 7 anos que fui. Não consigo convencer-me a deitar fora qualquer uma das minhas relíquias.

Sento-me e vejo-me ao espelho, insegura.

— Gosto delas.

— Tenho uma premonição — diz Taryn, surpreendendo-me.

— Vamos divertir-nos esta noite.

— Divertir-nos? — Imaginava-me a franzir a cara à multidão, do nosso habitual esconderijo, pensando se me sairia suficientemente bem no torneio para impressionar a família real ao ponto de me concederem um título de cavaleira. Pensar nisso era suficiente para me deixar ansiosa e, no entanto, era algo que me ocupava constantemente a cabeça. O meu polegar roçou a ponta que faltava ao meu dedo anelar. Era o meu tique nervoso.

— Sim — diz ela, dando-me uma cotovelada no flanco.

— Ei! Au! — Afasto-me dela. — Em que consiste o teu plano?

— Na maior parte das vezes, quando íamos à Corte, escondíamos-nos. Vimos algumas coisas interessantes, mas à distância.

Ela ergue as mãos.

— Como? Queres saber em que consiste a diversão? É diversão!

Deixo escapar um riso nervoso.

— Não fazes ideia, pois não? Ótimo. Vejamos se tens dons de profecia.

Estávamos a crescer e as coisas a mudar. Nós estávamos a mudar. E, por mais que o desejasse, também o temia.

Taryn levanta-se da cama e estica um braço, como se fosse o meu par para uma dança. Permito-me ser levada para fora do quarto, com a minha mão assegurando automaticamente que a minha faca continua presa à minha anca.

O interior da casa de Madoc é de gesso caído com inúmeras traves de madeira tosca. As vidraças das janelas são tingidas de cinzento como fumo aprisionado, tornando a luz estranha. Quando Taryn e eu descemos as escadas em espiral, avisto Vivi

escondida numa pequena varanda, franzindo a testa enquanto lê uma revista de banda desenhada roubada ao mundo humano.

Vivi sorri-me. Veste calças de ganga e uma camisa folgada — obviamente, sem pretender participar nos festejos. Como filha legítima de Madoc, não sente qualquer pressão para lhe agradar. Faz o que lhe apetece. Incluindo ler revistas que poderão ter as páginas unidas com agrafos de ferro em vez de cola, sem se importar que os dedos fiquem queimados.

— Vão a algum lado? — A pergunta surge das sombras, de mansinho, sobressaltando Taryn.

Vivi sabe perfeitamente aonde vamos.

Quando viemos para aqui, Taryn, Vivi e eu encolhíamos-nos na grande cama de Vivi e falávamos sobre o que nos lembrávamos de casa. Sobre as refeições que a mãe queimava e sobre as pipocas que o pai fazia. Recordávamos os nomes dos nossos vizinhos, os cheiros da casa, como era a escola, as férias, o sabor da cobertura dos bolos de aniversário. Falávamos sobre os programas que víamos, repetindo os enredos, recordando os diálogos até as nossas memórias ficarem polidas e falsas.

Já não nos encolhemos na cama nem recordamos nada. Todas as nossas novas recordações são deste sítio e Vivi tem apenas um interesse passageiro por elas.

Tinha jurado odiar Madoc e respeitava essa jura. Quando Vivi não estava perdida em memórias sobre a nossa casa, tornava-se um terror. Partia coisas. Gritava, enfurecia-se e beliscava-nos quando nos mostrávamos satisfeitas. Acabou por parar com tudo aquilo, mas acredito que uma parte dela nos odeia por nos termos adaptado. Por aproveitarmos o que temos. Por tornarmos aquilo o nosso lar.

— Devias vir — digo-lhe. — A Taryn está estranha.

Vivi olha-a, intrigada, e abana a cabeça.

— Tenho outros planos. — O que significava que ou se esgueiraria para o mundo mortal durante a noite, ou ficaria na varanda a ler.

De uma maneira ou de outra, se incomodar Madoc, agrada a Vivi.

Ele espera-nos no salão com a sua segunda mulher, Oriana. A pele dela tem a cor azulada do leite magro e o seu cabelo é branco como neve acabada de cair. É bela, mas a sua beleza é perturbadora, como se fosse um fantasma. Naquela noite, veste verde e ouro, um vestido que faz lembrar musgo, com uma gola complicada e brilhante que realça o rosado da sua boca, das suas orelhas e dos seus olhos. Madoc veste-se também de verde, a cor das florestas profundas. A espada que lhe pende da cintura não é um ornamento.

Lá fora, passando as portas duplas, aguarda um gnomo, erguendo as rédeas prateadas de cinco montadas faerie malhadas, com as crinas entrançadas em nós complicados e, provavelmente, mágicos. Penso nos nós do meu cabelo e em quão semelhantes são.

— Parecem-me ambas bem — diz Madoc, dirigindo-se a mim e a Taryn. O carinho na sua voz transforma as palavras num raro elogio. O seu olhar move-se para as escadas. — A vossa irmã vem a caminho?

— Não sei onde está a Vivi — minto. Mentir é tão fácil ali. Posso fazê-lo o dia inteiro sem ser apanhada. — Talvez se tenha esquecido.

A desilusão marca as feições de Madoc, mas a surpresa não. Dirige-se lá para fora para dizer qualquer coisa ao gnomo que segura as rédeas. Por perto, vejo um dos seus espiões, uma criatura enrugada com um nariz como uma pastinaca e uma corcunda mais alta do que a cabeça. Passa-lhe uma mensagem escrita para a mão e afasta-se com surpreendente agilidade.

Oriana olha com cuidado, como se esperasse ver algo errado.

— Tenham cuidado esta noite — diz Oriana. — Prometam-me que não comem, bebem ou dançam.

— Não é a primeira vez que vamos à Corte — recordo-lhe. Dificilmente uma resposta poderia ser mais vazia de sentido e típica das fadas.

— Podem achar que o sal é proteção suficiente, mas vocês, crianças, são esquecidas. É melhor que não o façam. Quanto à dança, uma vez começando, vocês, mortais, dançam até à morte se não vos impedirmos.

Olho para os pés e não digo nada.

Nós, crianças, não somos esquecidas.

Madoc casou com ela há sete anos e, pouco depois, deu-lhe um filho, um rapaz enfermigo chamado Oak, com minúsculos e adoráveis chifres na cabeça. Sempre foi evidente que Oriana nos tolera apenas para agradar a Madoc. Parece que nos vê como os cães preferidos do seu marido: mal treinados e com hipóteses de se voltarem contra o seu mestre a qualquer momento.

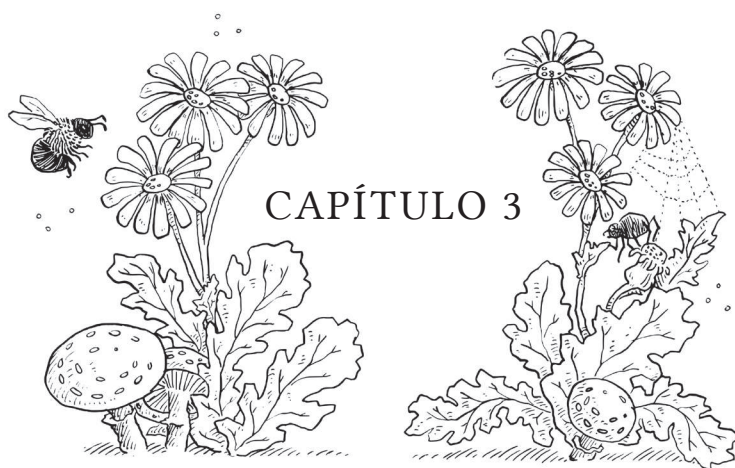
Oak considera-nos irmãs, o que sei que deixa Oriana nervosa, mesmo que eu jamais fizesse algo para o magoar.

— Estão sob proteção do Madoc, e ele é o favorito do Rei Altíssimo — diz Oriana. — Não permitirei que o Madoc pareça tolo pelos vossos erros.

Terminado aquele pequeno discurso, sai para junto dos cavalos. Um deles grunhe e golpeia o chão com um casco.

Taryn e eu olhamo-nos antes de a seguirmos. Madoc está já sentado sobre a maior das montadas faerie, uma criatura impressionante com uma cicatriz sob um olho. As suas narinas inflam com impaciência. Agita a crina, inquieto.

Monto um cavalo verde pálido com dentes afiados e um odor pantanoso. Taryn escolhe um cavalo de passeio e golpeia-lhe os flancos com os calcanhares. Parte disparada e eu sigo-a, embrenhando-me na noite.



As fadas são criaturas do crepúsculo e também eu me tornei uma delas. Despertamos quando as sombras se alongam e recolhemos às nossas camas antes do nascer do sol. Passa muito da meia-noite quando chegamos à grande colina do Palácio de Elfhame. Para entrar, devemos passar a cavalo entre duas árvores, um carvalho e um espinheiro, dirigindo-nos diretamente para o que parecem ser as ruínas de pedra de um extravagante monumento abandonado. Fi-lo centenas de vezes, mas encolho-me sempre, mesmo assim. O meu corpo inteiro prepara-se para o choque, aperto as rédeas com força e fecho os olhos.

Quando os abro, estou dentro da colina.

Percorremos uma gruta, entre pilares de raízes, calcando terra compacta.

Há dúzias de gente do Povo ali, aglomerando-se diante da entrada da vasta sala do trono que alojará a Corte: fadas de nariz comprido com asas esfarrapadas; senhoras elegantes de pele verde e com vestidos longos, cujas caudas são seguras por duendes; boggans trapaceiros; raposos risonhos; um rapaz com máscara

de coruja e uma coroa dourada; uma anciã com corvos empoleirados nos ombros; um bando de raparigas com rosas silvestres no cabelo; um rapaz com pele de casca de árvore e penas à volta do pescoço; um grupo de cavaleiros envergando armaduras verde-escaravelho. Vi muitos deles em ocasiões anteriores. Conversei com alguns. É demasiado para conseguir abranger com o olhar, mas, mesmo assim, não consigo afastar os olhos.

Nunca me canso daquilo... do espetáculo, do fausto. Talvez Oriana não esteja inteiramente errada por reear que, um dia, possamos sucumbir àquilo, deixando-nos enlevar e esquecendo a cautela. Consigo perceber porque os humanos sucumbem ao belo pesadelo da Corte, porque se afogam nele voluntariamente.

Sei que não devia adorar aquilo como adoro, roubada como fui ao mundo mortal depois de os meus pais serem assassinados. Mas adoro-o, mesmo assim.

Madoc desmonta do seu cavalo. Oriana e Taryn já desmontaram dos seus, entregando as rédeas aos seus criados. É por mim que esperam. Madoc estende os dedos como se pretendesse ajudar-me, mas salto da sela sozinha. Os meus sapatos de couro atingem o chão como um baque.

Espero parecer uma cavaleira aos olhos dele.

Oriana avança, provavelmente para nos recordar, a mim e a Taryn, todas as coisas que não quer que façamos. Não lho permito. Em vez disso, entrelaço o braço no de Taryn e apresso-me a entrar. O salão está perfumado com fumo de rosmaninho e ervas maceradas. Atrás de nós, ouço os passos pesados de Madoc, mas sei para onde vou. A primeira coisa a fazer quando chegamos à Corte é saudar o rei.

Eldred, o Rei Altíssimo, senta-se no trono com as suas vestes de cerimónia cinzentas e uma pesada coroa de folhas de carvalho douradas prendendo-lhe o cabelo de finos fios de ouro. Quando nos curvamos numa vénia, toca levemente nas nossas cabeças com as suas mãos de dedos nodulosos cheios de anéis. A seguir, erguemo-nos.

A sua avó foi a rainha Mab, da dinastia da Moita Verde. Viveu como fada solitária antes de iniciar a conquista de Faerie com o seu consorte cornudo e os soldados deste, montados em veados. Por culpa dele, dizia-se que cada um dos seis herdeiros de Eldred tinha algum traço animal, algo que não era invulgar em Faerie, mas que não era comum entre a fidalguia que se reunia na Corte.

O príncipe mais velho, Balekin, e o seu irmão mais novo, Dain, estão por perto, bebendo vinho de taças de madeira reforçadas com prata. Dain veste corsários, mostrando os cascos e as patas de veado. Balekin veste a sua casaca preferida, com gola de pelo de urso. Os seus dedos têm um espinho em cada articulação e há espinhos ao longo do braço até desaparecerem sob as mangas da camisa, embora se tornem visíveis quando ele ergue os braços para convidar Dain e Madoc a aproximarem-se.

Oriana faz-lhes uma vénia. Apesar de Dain e Balekin estarem lado a lado, é frequente que discutam um com o outro e também com a sua irmã Elowyn. Tão frequentes são as discussões, que se considera que a Corte está dividida em três esferas de influência antagónicas. O príncipe Balekin, o primogénito, e os seus partidários são conhecidos como o Círculo das Gralhas, por apreciarem a folia e troçarem de tudo o que se atreva a interferir nesta. Bebem até cair para o lado e entorpecem-se com pós venenosos e sublimes. É a mais louca das esferas, mesmo que o seu líder se mantenha sempre composto e sóbrio quando fala comigo. Poderia entregar-me ao deboche para o impressionar. Mas preferia não o fazer.

A princesa Elowyn, a segunda filha, e os seus companheiros formam o Círculo das Cotovias. Valorizam a arte acima de tudo. Vários mortais foram apadrinhados pela sua esfera, mas, porque não tenho qualquer talento para tocar alaúde ou declamar, não tenho hipótese de me tornar um deles.

O príncipe Dain, o terceiro filho, lidera aquele que se tornou conhecido como o Círculo dos Falcões. Cavaleiros, guerreiros e estratégias merecem a sua proteção. Obviamente, Madoc pertence

a esta esfera. Falam sobre honra, mas aquilo que realmente valorizam é o poder. Sou suficientemente hábil com uma lâmina e entendida em estratégia. Preciso apenas de uma oportunidade para provar o que valho.

— Divirtam-se — diz-nos Madoc. Com um olhar lançado aos príncipes, Taryn e eu aventuramo-nos entre a multidão.

O palácio do rei de Elfhame tem muitas alcovas secretas e corredores escondidos, perfeitos para romances furtivos, para assassinos ou para ficar escondido e ser muito enfadonho nas festas. Quando Taryn e eu éramos pequenas, escondíamo-nos por baixo das longas mesas de banquete. Mas, desde que Taryn determinou que éramos senhoras elegantes, grandes demais para rastejarmos e sujarmos os nossos vestidos, precisámos de encontrar um sítio melhor. Passando o segundo patamar da escadaria de pedra, existe um local onde um imenso rochedo brilhante se projeta, criando uma saliência. Normalmente, é aí que nos instalamos para ouvir a música e observar toda a diversão em que não devemos participar.

Mas, naquela noite, Taryn tem uma ideia diferente. Passa pelos degraus e retira comida de um tabuleiro de prata — uma maçã verde e uma cunha de queijo com veios azuis. Sem se dar ao trabalho de a polvilhar com sal, dá uma dentada em cada uma, estendendo a mão para que eu a imitasse. Oriana pensa que não sabemos distinguir entre fruta normal e fruta de fadas, que amadurece com um dourado intenso. A sua polpa é vermelha e densa, e o seu perfume enjoativo preenche as florestas na época das colheitas.

Sinto a maçã firme e fria na boca. Passamo-la entre nós, partilhando-a até ao carço, que também como com duas dentadas.

Perto do sítio onde estou, uma minúscula rapariga fada, com uma trança de cabelo branco como a penugem do dente-de-leão e uma pequena faca, corta o cinto de um ogre. A tarefa exige dedos esguios. No momento seguinte, a espada e a bolsa do ogre desaparecem, ela perde-se na multidão, e eu quase acredito que não aconteceu. Até a rapariga se voltar para me olhar.

Pisca o olho.

No momento seguinte, o ogre percebe que foi roubado.

— Cheira-me a ladrão! — grita, olhando em redor e atirando ao chão uma caneca de cerveja castanho-escura, enquanto o seu nariz verrugoso fareja.

Por perto, há alarido — uma das velas irrompe em chamas crepitantes azuis, estalando ruidosamente e distraíndo até o ogre. Quando a normalidade regressa, a ladra de cabelo branco desaparece por completo.

Com um pequeno sorriso, viro-me outra vez para Taryn, que olha para os bailarinos com inveja, ignorando muito do que a rodeia.

— Podemos revezar-nos — propõe. — Se não conseguires parar, puxo-te para fora. Depois, fazes o mesmo por mim.

O meu coração acelera ao pensar naquilo. Olho para a turba de foliões, tentando invocar a audácia de alguém capaz de roubar um ogre nas suas barbas.

A princesa Elowyn rodopia no centro do Círculo das Cotovias. A sua pele é de um dourado cintilante e o seu cabelo tem o verde intenso da hera. A seu lado, um rapaz humano toca violino. Dois outros mortais acompanham-no com menor mestria, mas maior alegria, tocando cavaquinhos. Caelia, a irmã mais nova de Elowyn, roda por perto, com cabelo sedoso cor de milho, como o do seu pai, e uma coroa de flores sobre ele.

Uma nova balada começa a soar e a letra chega até mim. — *De todos os filhos que teve o rei William, o príncipe Jamie foi o pior* — cantam. — *E para a mágoa ser ainda maior, o príncipe Jamie era o primeiro.*

Nunca gostei muito dessa canção, porque me recorda alguém. Alguém que, tal como a princesa Rhyia, parece não estar presente naquela noite. Mas... oh não. Estou a vê-lo.

O príncipe Cardan, sexto filho de Eldred Rei Altíssimo, e definitivamente o pior de todos, caminha até nós.

Valerian, Nicasia e Locke, os seus três amigos mais ferozes, cruéis e leais, seguem-no. A multidão abre caminho e silencia-se,

curvando-se enquanto passam. Cardan ostenta o seu habitual esgar de desagrado, reforçado com um risco de carvão sob os olhos e um diadema de ouro no cabelo negro como a meia-noite. Veste um longo casaco negro, com uma gola alta e esfarrapada, todo bordado com constelações. Valerian veste-se de um vermelho intenso, com rubis polidos cintilando-lhe nos punhos, cada um parecendo uma gota de sangue gelado. A cor do cabelo de Nicasia é o azul-esverdeado do oceano, coroado por um diadema de pérolas. Uma teia reluzente cobre-lhe as tranças. Locke, de cabelo cor de raposa, vem atrás, parecendo entediado.

— São ridículos — digo a Taryn, que segue o meu olhar. Não posso negar que são também belos. Senhores e senhoras das fadas, tal como nas canções. Se não tivéssemos aulas com eles, se não soubesse em primeira mão a desgraça que infligiam a quem lhes desagradava, seria provável que estivesse tão apaixonada por eles como todos os outros.

— A Vivi diz que o Cardan tem uma cauda — sussurra Taryn. — Viu-a quando nadava no lago com ele e com a princesa Rhyia na última noite de lua cheia.

Não conseguia imaginar Cardan a nadar num lago, saltando para a água, salpicando as pessoas, rindo-se de qualquer coisa além do sofrimento alheio.

— Uma *cauda*? — repito com um sorriso incrédulo que se dissipa quando recordo que Vivi não se deu ao trabalho de me contar a história, mesmo que tivesse acontecido dias antes. Três é um número estranho para irmãs. Há sempre uma que fica de fora.

— Com um tufo na ponta! Enrola-se por baixo da roupa e desenrola-se como um chicote. — Ri-se e mal percebo as suas palavras seguintes. — A Vivi disse que gostava de ter uma.

— Ainda bem que não tem — digo com firmeza, estupidamente. Não tenho nada contra caudas.

Cardan e os seus companheiros estão demasiado próximos de nós para falarmos em segurança sobre eles. Olho para o chão.

Mesmo que odeie aquilo, pouso um joelho no chão, baixo a cabeça e ranjo os dentes. A meu lado, Taryn faz algo semelhante. À nossa volta, as pessoas fazem as suas vénias.

Não olhes para nós, penso. Não olhes.

Quando Valerian passa, segura um dos meus chifres de cabelo entrançado. Os outros avançam entre a multidão, enquanto Valerian me dirige um esgar desdenhoso.

— Julgaste que não te veria aí? Tu e a tua irmã destacam-se em qualquer multidão — diz, curvando-se. No seu hálito, sente-se um odor intenso a hidromel. A minha mão fecha-se junto ao meu tronco e apercebo-me da proximidade da minha faca. Mesmo assim, não o olho nos olhos. — Nenhum outro cabelo é tão enfadonho, nenhuma outra cara é tão banal.

— Valerian — chama o príncipe Cardan. A sua cara contorce-se já numa expressão de desagrado e, quando me vê, semicerra ainda mais os olhos.

Valerian puxa-me a trança com força. Estremeço e sinto uma fúria inútil a acumular-se no meu ventre. Ri-se e segue o seu caminho.

A minha fúria transforma-se em vergonha. Quem me dera ter-lhe dado uma valente palmada naquela mão, mesmo que isso piorasse tudo.

Taryn vê algo na minha expressão.

— Que te disse ele?

Abanei a cabeça.

Cardan parou ao lado de um rapaz com cabelo comprido cor de cobre e um par de pequenas asas de traça — um rapaz que não faz vénia. O rapaz ri-se e Cardan avança. Num ápice, o punho do príncipe atinge o rapaz com força no maxilar, atirando-o ao chão. Enquanto o rapaz cai, Cardan segura uma das asas. Rasga-a como papel. O grito do rapaz é agudo. Encolhe-se no chão, com a dor visível na sua cara. Penso se asas da fada voltam a crescer. Sei que as borboletas que perdem uma asa nunca mais voltam a voar.

Os cortesãos à nossa volta arregalam os olhos e murmuram, mas apenas por um instante. A seguir, voltam às suas danças e às suas canções, e a folia retoma o seu movimento frenético.

É assim que eles são. Alguém se atravessa no caminho de Cardan e é imediata e brutalmente punido. Expulso das aulas no palácio, por vezes expulso da Corte. Magoados. Destruídos.

Enquanto Cardan passa pelo rapaz, aparentemente sem mais nada para lhe dizer, sinto-me grata por ele ter cinco irmãos e irmãs mais dignos. É praticamente garantido que nunca se sentará no trono. Não quero imaginá-lo com mais poder do que tem.

Até Nicasia e Valerian partilham um olhar comprometido. Depois, Valerian encolhe os ombros e segue Cardan. Mas Locke hesita junto ao rapaz, baixando-se para o ajudar a levantar-se.

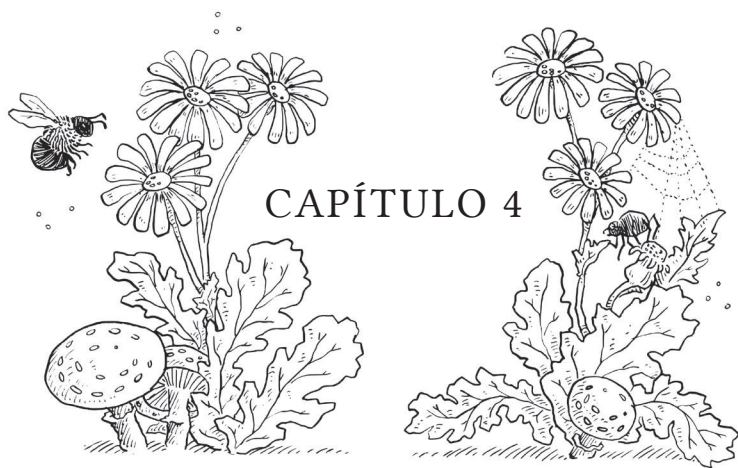
Os amigos do rapaz aproximam-se e levam-no para longe. Nesse momento, sem eu estar à espera, Locke eleva o olhar. Os seus olhos claros de raposa fixam-se nos meus e arregalam-se com surpresa. Fico imóvel e sinto o coração acelerar. Preparo-me para mais desdém, mas um canto da sua boca faz um trejeito. Pisca o olho, como se admitisse ter sido apanhado. Como se partilhássemos um segredo. Como se não me achasse desprezível e não achasse a minha mortalidade contagiosa.

— Para de olhar para ele — exige Taryn.

— Não viste... — começo a explicar, mas ela interrompe-me ao puxar-me para as escadas, até ao nosso patamar de pedra cintilante, onde podemos esconder-nos. As suas unhas cravam-se na minha pele.

— Não lhes dê mais motivos do que já têm para te incomodarem! — A intensidade da sua resposta surpreende-me e faz-me afastar a mão. Vejo marcas de fúria, em forma de semicírculos vermelhos, onde me agarrou.

Volto a olhar para onde Locke estava, mas a multidão engolira-o.



Enquanto o dia nasce, abro as janelas do meu quarto e deixo entrar o que resta do ar frio da noite, despindo o vestido cortesão. Sinto-me a esquentar. A minha pele parece demasiado tensa e o meu coração não sossega.

Fui muitas vezes à Corte. Presenciei coisas mais horríveis do que asas a serem arrancadas ou insultos dirigidos à minha pessoa. As fadas compensam a sua incapacidade de mentir com uma panóplia de enganos e crueldades. Palavras distorcidas, trapaças, omissões, enigmas, escândalos, já para não falar de vinganças entre elas por ofensas ancestrais, parcialmente recordadas. As tempestades são menos inconstantes e os mares menos caprichosos do que as fadas.

Por exemplo, como oficial militar, Madoc precisa tanto de derrame de sangue como uma sereia precisa da espuma salgada do mar. Depois de cada batalha, como ritual, ele mergulha o seu barrete no sangue dos inimigos. Já vi o barrete, protegido pelo vidro na armaria. O tecido está rígido e manchado de um castanho tão intenso que é quase negro, com a exceção de algumas manchas verdes.

Por vezes, desço para olhar fixamente para ele, tentando ver os meus pais nas nervuras de sangue seco. Quero sentir alguma coisa. Algo além de um vago enjoo. Quero sentir *mais*, mas, de cada vez que olho, sinto menos.

Penso em ir à armaria naquele momento, mas não o faço. Fico diante da minha janela e imagino-me como uma intrépida cavaleira, como uma bruxa que escondeu o coração no dedo e, a seguir, o cortou.

— Estou tão cansada — digo em voz alta. — Tão cansada.

Fico ali sentada por muito tempo, a ver o sol nascente dourar o céu e a ouvir o marulhar das ondas à medida que a maré recua, quando uma criatura voa até ao parapeito da minha janela. A princípio, parece uma coruja, mas tem olhos de gnomos.

— Cansada de quê, doçura? — pergunta.

Suspiro e, por uma vez, respondo com sinceridade.

— De ser impotente.

O gnomos estuda-me a expressão, antes de levantar voo e partir pela noite fora.



Passo o dia a dormir e acordo desorientada, lutando para me libertar das longas cortinas bordadas à volta da minha cama. A saliva secou numa das minhas bochechas.

Encontro uma banheira com água à minha espera, mas ficara tépida. Os criados terão vindo e partido. Entro, mesmo assim, e salpico a cara. Vivendo em Faerie, é impossível não reparar que todos os outros cheiram a verbena ou a agulhas de pinheiro maceradas, a sangue seco ou a asclépias. Eu cheiro a suor e a hálito azedo, a não ser que me lave com afinco.

Quando Tatterfell vem acender os candeeiros, encontra-me vestida para uma aula. As aulas começam ao fim da tarde e prolongam-se por algumas noites. Calço botas de couro castanho e uma túnica com o brasão de Madoc: uma adaga, uma lua

crescente virada para parecer uma taça, e uma única gota de sangue a cair de um canto, bordada com fio de seda.

No andar de baixo, encontro Taryn sentada à mesa do banquete, sozinha, aninhando uma chávena de chá de urtigas nas mãos e a arrancar pedaços a um pão. Hoje, ela não sugere que algo vá ser divertido.

Madoc insiste, talvez por culpa ou por vergonha, que sejamos tratadas como os filhos de Faerie. Que tenhamos as mesmas lições, que recebamos o que os outros recebem. Mortais foram levados à Altíssima Corte antes, mas nenhum deles foi criado como aristocrata.

Não compreende como isso faz com que nos desprezem.

Não que não sinta gratidão. Gosto das lições. Responder com inteligência aos professores é algo que ninguém me poderá tirar, mesmo que os próprios professores finjam, por vezes, o contrário. Aceitarei um aceno de cabeça frustrado como substituto de elogios efusivos. Aceitá-lo-ei e ficarei feliz, porque significa que poderei pertencer ali, quer lhes agrade ou não.

Vivi costumava acompanhar-nos, mas aborreceu-se e deixou de se importar. Madoc enfureceu-se, mas como a sua aprovação de algo só aumenta o desprezo de Vivi, todos os protestos dele apenas a tornaram mais determinada a nunca mais voltar. Tentou convencer-nos a ficarmos em casa com ela, mas, se Taryn e eu não conseguirmos aguentar as intrigas dos filhos de Faerie sem desistirmos das nossas lições ou fazermos queixas a Madoc, como acreditará ele que conseguimos aguentar a Corte, onde essas mesmas intrigas se desenrolam numa escala ainda maior e mais letal?

Taryn e eu partimos, baloiçando os nossos cestos. Não precisamos de sair de Insmire para chegar ao palácio do Rei Altíssimo, mas passamos por duas outras ilhas minúsculas: Insmoor, a Ilha de Pedra, e Insweal, a Ilha da Mágoa. As três estão ligadas por caminhos rochosos parcialmente submersos e por poldras com largura suficiente para ser possível saltar de pedra em pedra.

Uma manada de veados nada para Insmoor, em busca da melhor pastagem. Taryn e eu passamos pelo Lago das Máscaras e atravessamos o extremo mais distante do Bosque Lácteo, passando pelos troncos de prata pálida e pelas folhas embranquecidas. Aí, avistamos sereias e tritões a apanharem sol perto de grutas rochosas, com as escamas a refletirem o brilho cor de âmbar do pôr do sol.

Todos os filhos da nobreza, qualquer que seja a sua idade, aprendem com professores de todo o reino no palácio. Em algumas tardes, sentamo-nos em pomares cobertos com musgo esmeralda, e outros serões são passados em torres altas ou entre os ramos das árvores. Aprendemos sobre os movimentos de constelações no céu, sobre as propriedades medicinais e mágicas das ervas, sobre a linguagem das aves, flores e pessoas, e também sobre a língua do Povo (mesmo que, ocasionalmente, as palavras se torçam na minha boca), sobre os elementos dos enigmas e sobre como ter o passo leve ao caminhar por cima de folhas e ramos, não deixando rasto nem produzindo som. Somos instruídos nas minúcias da harpa e do alaúde, do arco e da lâmina. Taryn e eu observamos enquanto praticam encantos. Durante os intervalos, todos simulamos batalhas num campo verde coberto por um amplo arco de árvores.

Madoc treinou-me para ser formidável até com uma espada de madeira. Taryn também não é má, mesmo que já não se dê ao trabalho de praticar. No Torneio de Verão, dentro de poucos dias, a nossa guerra simulada decorrerá diante da família real. Com o apadrinhamento de Madoc, um dos príncipes ou princesas poderá decidir ordenar-me cavaleira e receber-me na sua guarda pessoal. Seria um tipo de poder, de proteção.

E, com isso, poderia também proteger Taryn.

Chegamos à escola. O príncipe Cardan, Locke, Valerian e Nicasia já se encontram recostados na erva com mais algumas fadas. Uma rapariga com cornos de veado, Poesia, ri-se de algo que Cardan disse. Não nos olham enquanto estendemos o nosso cobertor e preparamos os nossos cadernos, canetas e tinteiros.

O meu alívio é imenso.

A nossa lição envolve a história da paz negociada a custo entre Orlagh, rainha das Profundezas Marinhas, e os inúmeros reis e rainhas das fadas. Nicasia é filha de Orlagh, enviada para residir na Corte do Rei Altíssimo. Muitas odes foram compostas à beleza da rainha Orlagh, mas nunca à sua personalidade, o que, se for igual à da filha, não admira.

Nicasia sorri durante a lição, orgulhosa da sua herança. Quando o instrutor passa a lorde Roiben da Corte das Térmitas, perco o interesse. Os meus pensamentos vagueiam. Em vez disso, dou comigo a pensar nas combinações: golpe, estocada, bloqueio, defesa. Seguro a caneta como se fosse o punho de uma lâmina e esqueço-me de tomar notas.

Enquanto o sol mergulha no céu, Taryn e eu esvaziamos os cestos que trouxemos de casa, com pão, manteiga, queijo e ameixas. Ponho manteiga num pedaço de pão, sentindo-me faminta.

Ao passar por nós, Cardan pontapeia terra para cima da minha comida antes que eu consiga dar uma dentada. As outras fadas riem-se.

Olho para cima, para vê-lo a fitar-me com um prazer cruel, como uma ave de rapina tentando decidir se deverá dar-se ao trabalho de devorar um pequeno rato. Veste uma túnica de gola alta bordada com espinhos e os seus dedos estão cobertos de anéis. O seu esgar foi bem ensaiado.

Cerro os dentes. Digo a mim mesma que, se não deixar as provocações afetarem-me, ele perderá o interesse. Partirá. Consigo suportar aquilo mais alguns dias.

— Algum problema? — pergunta Nicasia, com falsa doçura, aproximando-se e cobrindo o ombro de Cardan com o braço. — Terra. É de onde vens, mortal. É para onde regressarás em breve. Não te esqueças de dar uma grande dentada.

— Obrigame — digo, sem conseguir impedir-me. Não é a melhor resposta, mas as palmas das minhas mãos começam a transpirar. Taryn parece sobressaltada.

— *Poderia fazê-lo*, tu sabes — diz Cardan, sorrindo como se nada lhe agradasse mais. O meu coração acelera. Se não trouxesse ao pescoço um fio de bagas de sorveira, ele conseguiria enfeitiçar-me de forma a fazer-me achar a terra uma iguaria. Só a posição de Madoc o faria hesitar. Não mexo nem toco no colar escondido sob o corpete da túnica, o mesmo que espero que impeça que qualquer encanto resulte. E que espero que não descubra ou arranque do pescoço.

Olho para o professor do dia, mas o púca idoso tem o nariz enfiado num livro.

Por Cardan ser príncipe, é muito que provável que nunca o tenham repreendido ou impedido de fazer algo. Nunca sei até onde irá e nunca saberei até onde os nossos instrutores o deixarão ir.

— Não queres isso, pois não? — pergunta Valerian, fingindo compreensão enquanto pontapeia mais terra sobre o nosso almoço. Nem sequer o vi aproximar-se. Certa vez, Valerian roubou-me uma caneta de prata e Madoc substituiu-a com uma caneta decorada com rubis retirada da sua própria escrivaninha. Isto provocou em Valerian uma raiva tal, que me golpeou na nuca com a espada de madeira dos treinos. — E se prometermos ser simpáticos convosco durante a tarde inteira, se comerem tudo o que trazem nos cestos? — O seu sorriso era largo e falso. — Não nos querem como amigos?

Taryn olhou para o colo. *Não*, quero dizer. *Não vos queremos como amigos*.

Não respondo, mas também não baixo o olhar. Olho para Cardan. Não há nada que possa dizer para os travar, sei disso. Não tenho qualquer poder ali. Mas, hoje, parece-me que não consigo conter a raiva que sinto pela minha impotência.

Nicasia puxa-me um gancho do cabelo, fazendo uma das minhas tranças cair sobre o pescoço. Tento afastar-lhe a mão com uma palmada, mas é demasiado rápida.

— Que é isto? — Ergue o gancho dourado com um minúsculo aglomerado de pilritos em filigrana no topo. — Roubaste-o? Achaste que te tornaria bela? Que te tornaria como nós?

Mordo o interior da bochecha. Claro que quero ser como eles. São belos como lâminas forjadas num fogo divino. Viverão para sempre. O cabelo de Valerian brilha como ouro polido. Os membros de Nicasia são longos e de contornos perfeitos, a sua boca tem o rosa do coral e o cabelo a cor da parte mais profunda e fria do mar. Locke dos olhos de raposa está em silêncio atrás de Valerian, com uma expressão de indiferença ensaiada com esmero e um queixo tão pontiagudo como as pontas das orelhas. Cardan é ainda mais belo do que os outros, com cabelo preto tão reluzente como uma asa de corvo e maçãs do rosto suficientemente salientes para partir o coração de uma rapariga. Odeio-o mais do que a todos os outros. Odeio-o tanto que, por vezes, quando o olho, mal consigo respirar.

— Nunca serás igual a nós — diz Nicasia.

Claro que não.

— Vamos — diz Locke com uma gargalhada despreocupada, pousando a mão sobre a cintura de Nicasia. — Deixemo-las com a sua miséria.

— A Jude pede desculpa — apressa-se a dizer Taryn. — Pedimos as duas. A sério.

— Pode mostrar-nos até onde chega o seu arrependimento — diz Cardan. — Diz-lhe que não pertence no Torneio de Verão.

— Receiam que vença? — pergunto. Não fui muito inteligente.

— Não é para mortais — informa-nos com uma voz gelada. — Desiste ou vais desejar tê-lo feito.

Abro a boca, mas Taryn fala antes de eu conseguir fazê-lo.

— Vou falar com ela sobre o assunto. Não é nada. Apenas um jogo.

Nicasia esboça um sorriso magnânimo à minha irmã. Valerian analisa Taryn, demorando-se com os olhos nas suas curvas.

— Tudo é apenas um jogo.

O olhar de Cardan fixa-se no meu e sei que ainda não acabou. Nem por sombras.

— Porque os desafiaste daquela forma? — pergunta Taryn depois de voltarem para o seu alegre repasto, servido por mãos alheias. — Responder-lhe... é só estúpido.

Obriga-me.

Receiam que vença?

— Eu sei — digo-lhe. — Vou calar-me. É que... irritei-me.

— É preferível que tenhas medo — aconselha. A seguir, sacudindo a cabeça, arruma a nossa comida arruinada. O meu estômago ronca e eu tento ignorá-lo.

Querem que tenha medo. Sei isso. Durante a guerra simulada naquela mesma tarde, Valerian faz-me tropeçar e Cardan segreda-me coisas nojentas ao ouvido. Volto para casa com nósdoas negras dos pontapés e das quedas.

O que não percebem é isto: sim, assustam-me, mas sempre tive medo, desde o dia em que aqui cheguei. Fui criada numa terra de monstros por um homem que assassinou os meus pais. Vivo com esse medo, deixo-o infiltrar-se nos meus ossos e ignoro-o. Se não fingisse não ter medo, viveria escondida debaixo dos cobertores, na casa de Madoc, para sempre. Ficaria aí deitada e gritaria até não restar nada de mim. Recuso-me a fazer isso. Não o farei.

Nicasia está errada a meu respeito. Não desejo sair-me tão bem como uma das fadas, no torneio. Quero vencer. Não aspiro a ser sua igual.

No meu coração, quero ser melhor do que eles.

AFIA A TUA LÂMINA. PROTEGE O TEU CORAÇÃO.

Passaram dez anos desde que Jude e as irmãs foram raptadas pelo assassino dos seus pais e levadas para Faerie — o reino das fadas. Jude sente um verdadeiro fascínio pela beleza destes seres mágicos e imortais, mesmo sabendo que também são malévolos e impiedosos, e continua a sonhar em pertencer a este mundo encantado.

Mas o povo das fadas despreza mortais e, para se tornar cavaleira e receber um lugar na Corte, Jude tem de arriscar a sua mortalidade e desafiar o príncipe Cardan, o filho mais novo e mais cruel do Rei Altíssimo. O príncipe odeia Jude e tudo fará para se ver livre dela. TUDO!

É então que Jude se envolve nas intrigas e atividades de espionagem do palácio, acabando por descobrir o seu próprio talento para derramar sangue. E quando o seu sonho está prestes a tornar-se realidade, o destino de Faerie fica por um fio, obrigando Jude a fazer uma inesperada e perigosa aliança para salvar as irmãs e o reino que tanto a rejeita.

AS FADAS NÃO SÃO DE CONFIANÇA,
MESMO QUANDO DIZEM A VERDADE...

«Uma lufada de ar fresco nas histórias sobre fadas...

A sua complexidade, personagens misteriosas, sensualidade sem artifícios e narrativa aguçada conspiram para aliciar o leitor.»

The Guardian

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-668-849-3



9 789896 688493

Literatura Fantástica